



PANORAMA DE CASOS CLÍNICOS DE HANSENÍASE NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL NO ANO DE 2024¹

**Rafael Bernardi de Oliveira², Giovanna Freitas Piccinin³ Grasielle Colussi⁴, Paula
Bernardi de Oliveira⁵, Vítor Lorenson Bortolini⁶**

¹ Este trabalho foi desenvolvido de forma autônoma, sem vínculo a projetos de pesquisa específicos

² Médico pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Residência em Clínica Médica pelo Hospital de Clínicas de Passo Fundo (HCPF). E-mail: rafaelbdo@hotmail.com

³ Médica pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Residência em Clínica Médica pelo Hospital Santa Cruz (HSC). E-mail: giovanna.piccinin@gmail.com

⁴ Médica pela Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Passo Fundo/RS. Pós-graduada em Atenção Primária em Saúde com ênfase em Saúde da Família. E-mail: graziely_colussi@hotmail.com

⁵ Acadêmica do curso de Medicina pela Universidade Luterana do Brasil. E-mail: pbdo_@outlook.com

⁶ Acadêmico do curso de Medicina pela Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Passo Fundo/RS. E-mail: vitorbortolini11@gmail.com

Introdução: A Hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada pelo *Mycobacterium leprae* (*M. leprae*), um bacilo álcool-ácido resistente. Representa uma doença de evolução crônica e curável, conforme o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Hanseníase de 2022, pelo Ministério da Saúde. Neste protocolo, no âmbito da Saúde Coletiva, também é descrito que esta patologia permanece endêmica em várias regiões do mundo, como no Brasil. **Objetivos:** Demonstrar de forma epidemiológica a correlação do tratamento médico e o número de casos no Rio Grande do Sul em 2024, associado ao diagnóstico conforme a raça das pessoas doentes neste mesmo ano. **Metodologia:** Aplicou-se um estudo ecológico pela abordagem descritiva referente às notificações dos casos de Hanseníase no Rio Grande do Sul em 2022 através do Sistema de Informação de Agravos de Notificação pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil do Ministério da Saúde. Nessa perspectiva, os dados foram exportados para planilhas eletrônicas com a produção de gráficos e análises estatísticas, obtendo-se as frequências absolutas (n) habitantes, utilizando como denominador a população gaúcha no ano estudado, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Por utilizar dados secundários de domínio público, houve dispensa da apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa de acordo com a resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nessa perspectiva, os dados foram exportados para planilhas eletrônicas para produção de gráficos e análises estatísticas com obtenção de frequências absolutas (n) e relativas (%) de características da população acometida e a taxa de prevalência foi calculada por 100.000 habitantes, utilizando como denominador a população gaúcha no ano estudado, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Resultados:** No período de estudo (ano de 2024), foram notificados 16 casos de Hanseníase, sendo 12 em homens e 4 em mulheres. Destes dois grupos, 13 pessoas (81,25%) eram brancas, 1 indivíduo (6,25%) da raça negra e 2 pessoas (12,5%) sem identificação quanto à cor. Correlacionando o diagnóstico ao tratamento clínico conforme os protocolos médicos vigentes, 1 indivíduo (6,25%) apresentou a faixa de 2 a 5 lesões, enquanto 15 pessoas (93,75 %) apresentaram a faixa de 5 ou mais



lesões. Destes dois grupos, 1 indivíduo (6,25%) recebeu poliquimioterapia (PQT) em 6 doses, enquanto 12 pessoas (75%) tiveram PQT em 12 doses, 2 pessoas (12,5%) passaram por outros esquemas terapêuticos e um único indivíduo sem dados coletados sobre o tratamento. **Conclusões:** Os dados permitem concluir a prevalência de tratamento entre quase todos os indivíduos (exceção de um). Além disso, é perceptível uma importante discrepância quanto à prevalência de diagnóstico entre as raças, implicando em um menor diagnóstico desta doença na população negra. **Palavras-chave:** Saúde Pública, Clínica Médica, Hanseníase.